



## REFLETINDO SOBRE O ESTADO DE AUTONOMIA ANTE A INSERÇÃO DAS TDICs NO UNIVERSO DA EDUCAÇÃO FORMAL

Maria Clara Pereira Santos<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo propõe somar com a problematização envolvendo as novas tecnologias e a educação formal. Para isso ele abre uma análise historiográfica que busca expor contradições envolvendo as novas tecnologias digitais e possíveis elementos endereçadores que marcam o seu contexto histórico. Coerente a esse movimento reflexivo de enraizamento historiográfico, o mesmo se faz por meio de metodologia qualitativa, de cunho bibliográfico que tem como fonte direcionadora a Teoria Crítica e a filosofia castoriadiana. Suas conclusões não trazem um fechamento sobre o tema, mas a apresentação de *entrelugares* problematizadores auxiliares no movimento da adoção das novas tecnologias digitais coerente com a educação transformadora.

**Palavras Chave:** Educação Transformadora. Tecnologias Digitais. Autonomia.

### INTRODUÇÃO – I REPENSANDO O QUE NOS CABE NO LATIFÚNDIO DIGITAL: O PROFESSOR E AS NOVAS TECNOLOGIAS - II O EXERCÍCIO DA AUTONOMIA ANTE AS CONTRADIÇÕES DO UNIVERSO DIGITAL.

A cultura digital vem desde a popularização da internet tomando os espaços formais de ensino. Essa nova inserção cultural traz consigo modos novos de reprodução de contradições já conhecidas nos espaços escolares. Contudo, essas novas leituras das contradições, que são características do Capitalismo em seu modelo neoliberal, não podem ser combatidas com uma postura negacionista em relação à inserção das novas tecnologias no espaço escolar. As novas tecnologias, fazendo parte da cultura digital, parte do fluxo de criação da cultura humana, e não podem ser represadas como se nós, professores, pudéssemos ceifar parte da realidade deixando uma parte fora dos muros escolares.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Pedagogia da UFRN e pesquisadora colaboradora do grupo de pesquisa Ensino de Ciência e Cultura (GEC206-08) vinculado a mesma instituição|clara\_ygraine@hotmail.com.



Por outro lado, também não podemos nos alienar diante das promessas milagrosas da adoção das novas tecnologias ante os problemas que fragilizam a escola. Historicamente a humanidade já se viu diante dessa onda ilusória com a própria Ciência, e, se paga caro quando deslocamos nossas responsabilidades políticas-sociais para instrumentos, como se nosso poder de criação autômato pudesse responder instrumentalmente questões como a luta de classe e seus efeitos.

Se por um lado é ingenuidade alienante apostar nas novas tecnologias como meios eficazes nas resoluções por si das contradições que marcam a escola, por outro também é ingenuidade alienante acreditar que a escola não é lugar para as novas tecnologias. Pois, se os sujeitos que montam a escola não se apropriarem da cultura digital e germinarem nela metaespaços de reflexão entorno da relação educação formal e as novas tecnologias, então irão continuar se propagando discursos ideológicos como o que afirma que as novas tecnologias digitais podem tornar o papel do professor no processo de ensino obsoleto, ou a escola obsoleta.

É necessário que os sujeitos que dão vida a escola, como também todos os especialistas que fazem dos seus labores científicos instrumentos de melhorias dos espaços escolares, se tornem proativos na relação envolvendo a si, as TDICs – Tecnologias digitais de informação e comunicação – e a educação formal. Para isso não é suficiente a compreensão de conhecimentos específicos de educação e tecnologia. É necessário também entendermos como a história desses novos instrumentos tecnológicos são marcados por seus contextos.

Só compreendendo as TDICs como elementos que são marcados por sua história que iremos torna possível nos tornar conscientes das suas potencialidades e seus limites em relação a suas praticabilidades pedagógicas, que iremos tornar possível compreendermos as TDICs como elementos não neutros que em si são transpassadas por ideologias.

Nesse sentido, esse artigo se propõe iniciar uma análise crítica sobre a internet relacionando de forma problematizadora a origem da popularização da internet à ideologia norte americana do pensamento positivo e sua indústria midiática entorno da venda do modo de ser neoliberal. O mesmo parte da



hipótese de que há uma negação de alguns efeitos nocivos da relação humano-interface virtual no processo de massificação do consumo dos produtos tecnológicos via a progressiva adesão das TDICs pelos espaços educacionais.

Intelectuais como George Siemens (2006) e Seymour Papert (2013), dois dos grandes nomes que tratam sobre educação e tecnologia, afirmam que as novas tecnologias digitais proporcionam um aumento na criatividade daqueles que fazem uso das mesmas no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, se afirma que as adoções das novas tecnologias digitais pelos espaços de ensino levariam a autonomia (PAPERT, 1985). Nesse universo teórico a contínua conectividade é vista como um elemento formativo por si (SIEMENS, 2020), dado que não há diferença entre informação e conhecimento, por conseguinte, quanto mais informação mais haveria indicativo de aprendizagem. (SIEMENS, 2020) para os autores supracitados.

Se é assim, qual o motivo dos herdeiros do Vele do Silício, a meca tecnologia dos EUA, estudarem longe do wi-fi, como expõe o artigo jornalístico do El-pais (2016)? Do mesmo modo, qual o motivo dos homens por trás da produção da tecnologia digital de comunicação “criarem seus filhos sem telas”, como também mostra um artigo de mesmo jornal (2019)? Em nosso entendimento tais questões só podem ser elucidadas por meio da compreensão de como a cultura digital se insere em nossa realidade, como ela mantém a alienação e dociliza ao mesmo tempo que democratiza a informação, como ela distancia as pessoas umas das outras ao mesmo tempo que aproxima, como ela *emburrece*<sup>2</sup> ao mesmo tempo que informa, como ela torna possível a pós-verdade ao mesmo tempo que dá acesso à verdade, como a internet adoce ao mesmo tempo que salva vidas, e por fim, como ela serve de instrumento de despolitização ao mesmo tempo que é um metalugar político.

O que parece ser antagônico marca o que conceituamos nesse trabalho como angulosidade histórico, sendo as angulosidades históricas resultantes do enraizamento histórico-social de toda criação humana torna elucidável a coexistência de vetores aparentemente opostos no tempo de criação, que é

---

<sup>2</sup> Termo usado por muitos autores da Teoria Crítica ao qualificar os efeitos da massificação (JAY, 2008).



sempre o tempo do *estar* humano no mundo (SANTOS, 2019). Por esse motivo, esse artigo faz uso de uma metodologia historiográfica pertinente a Teoria Crítica e soma a ela um processo de análise problematizador castoriadiana. Tal hibridismo metodológico se faz necessário para, não só ser possível fazermos uma análise histórica crítica, como também neste processo conseguirmos lidar tanto com os elementos objetivos como com os elementos subjetivos que marcam tais questões. Tornando possível a visibilização dos ângulos do produto do fazer humano historicamente endereçados.

Coerente com sua metodologia híbrida, esse artigo se divide em três tópicos. O primeiro apresentamos uma problematização histórica relacionando o processo de comercialização da internet à ideologia do pensamento positivo norte-americano, vinculando os traços característicos desse último ao modo com que nós nos relacionamos com a internet. No segundo momento se faz uso dos resultados epistêmicos gerados pelo processo de análise do momento anterior para propor um exercício maturador da autonomia dos professores ante as contradições envolvendo as TDICs. No último momento é apresentado as considerações finais não como um lugar de fechamento do que foi apresentado, mas como um lugar de continuação das problematizações abordadas ao decorrer do artigo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como foi indicado, a questão não é aderir ou não aderir ao uso das TDICs, e sim enriquecermos nossa postura em relação a como usamos às, nos tornando mais conscientes do que monta as mesmas. Pensemos: Se usamos de forma consciente as TDICs, isso implica em nos munirmos de tal forma dos elementos identificativos dessa nova tecnologia que tornamos possível criar novos sentidos ante suas contradições internas, assim, nos exercendo como sujeitos transformadores. E isso não acontece se não lidarmos com a historicidade das TDICs, com a dimensão ideológica por trás dessa nova expressão cultural.

A historicidade dos objetos criados pela espécie humano, torna possível a compreensão dos vários significados que os estruturam como instituições



organizativas e mantêm uma órbita direcionadora entorno da funcionalidade do que é criado e mantido pela órbita de significados. Mesmo que essa historicidade implique em uma vetorização complexa que está em contínuo devir, logo não previsível, é ela que nos torna possível elucidarmos nosso modo de ser social aparentemente tecido contraditoriamente. Nossa experiência pandêmica está nos mostrando isso ao descobirmos nossa “fome de pele”<sup>2</sup>, como também está mostrando aos pais e mães que ser professora não é só passar exercício, ou mesmo que ensinar não é só auxiliar no processo de aquisição de novos conhecimentos.

Há por trás de toda relação uma razão de ser, que não é uma razão instrumental, uma funcionalidade fazia de sentido existencial. Ao contrário, uma razão de ser é um estado político que como tal se faz em razão da vivência endereçada, era isso que Freire (FREIRE, PAPERT, 1995) tentará apontar para o Papert (FREIRE, PAPERT, 1995) que o problema não é a escola, mas como se organiza nossa sociedade. Freire (FREIRE, PAPERT, 1995) tentava mostrar como é necessária uma transformação a partir do processo de nos tornarmos responsáveis pelo nosso fazer histórico coletivamente, que não se faz apenas lidando com um ângulo, mas lidando com todas as angulosidades possíveis, dialogando com o diferente. Nesse caso com aqueles que denunciam os riscos por trás das TDICs para o processo educativo

Coerente a isso esse artigo busca a tensão, busca os divergentes, os que desconfiam da neutralidade do criado para que juntos possamos apostar no ser-mais dos professores diante dos desafios do lidar com as contradições embutidas na cultura digital, diante da emergência do transformar os significados opressivos e desumanizantes que transpassam as TDICs, e concretizar no *quefazer* engajado da potência democrática das TDICs como instrumentos da educação transformadora.

---

<sup>2</sup> A doutora Cristina Márquez V. esclareceu em entrevista ao El-Pais que na situação de confinamento um número elevado de pessoas sentiu fome de pele. Ela ainda explica que esse fenômeno teria se dado no contexto de isolamento social por certas partes do cérebro precisarem do toque físico em certos processos mentais (RIVAS, 2020,sn).



## REFERÊNCIAS

ABUNDANCIA, Rita. **Por que os herdeiros do Vale do Silício, a meca tecnológica dos EUA, estudam longe do wi-fi: Executivos da tecnologia priorizam escolas que apostam mais na criatividade do que na infraestrutura**, ELPAIS, Madri, 12 JUL 2016,

Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/12/tecnologia/1468352196\\_911950.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/12/tecnologia/1468352196_911950.html)>, Acessado em: 03, janeiro, 2020.

Carr N. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir; 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/Maria%20Clara/Downloads/A%20Geracao%20Superficial%20%20Nicholar%20Carr.pdf>>, Acessado em: 20, Janeiro, 2020.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição do Imaginário da Sociedade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. PAPERT, Seymour **O Futuro da escola**, Diálogo gravado e documentado entre Paulo Freire e Seymour Papert. São Paulo: TV PUC-SP, 1995.

GUIMÓN, Pablo. **Os gurus digitais criam os filhos sem telas**: No Vale do Silício proliferam escolas sem tablets nem computadores e jardins da infância onde o celular é proibido por contrato. EL PAIS, Palo Alto (Califórnia, EUA) - 12 ABR 2019,

Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/20/actualidad/1553105010\\_527764.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/20/actualidad/1553105010_527764.html)>, Acessado em: 03, fevereiro, 2020.

JAY, Martin. **A Imaginação Dialética**: história da escola de Frankfurt e do instituto de pesquisa sociais, RJ: CONTRAPONTO, 2008.

PAPERT, Seymour. **Logo**: computadores e educação. São Paulo: Brasiliense, 1985. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/kjioae2jlyctlib/Logo%20%20Computadores%20e%20educacao%20v2.pdf?dl=0>>, Acesso em: 01, agosto, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**, 2º ed, RJ; Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. **No exame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

SIEMENS, George. **Conectivismo**: Uma teoria de Aprendizagem para a idade digital. Disponível em: [http://wiki.papagallis.com.br/George\\_Siemens\\_e\\_o\\_conectivismo](http://wiki.papagallis.com.br/George_Siemens_e_o_conectivismo). Acesso em 02 de junho de 2020.

\_\_\_\_\_. **A informação torna-se conhecimento através das conexões**. Disponível em: <http://www.educare.pt/educare/Educare.aspx>. Acessado em 09 de agosto de 2020.



SANTOS, Maria Clara P. **A Educação Sensível como lugar de descoberta da imaginação**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação., 2020.

RIVAS, Silvia López. **Neurociência explica por que temos “fome de pele” e precisamos de abraços**:A ciência demonstrou que para os mamíferos sociais o contato é tão importante como a luz solar, por isso o distanciamento social está provocando efeitos físicos de diferentes alcances, ELPAIS, 16 MAY 2020 . Disponível: < <https://brasil.elpais.com/smoda/2020-05-16/neurociencia-explica-por-que-temos-fome-de-pele-e-precisamos-de-abracos.html> >, Acessado em: 03, junho, 2020.